



Rotas dos Azulejos

ROTA AUTORIA GILBERTO RENDA

Estação do Pocinho | Obra de Gilberto Renda
Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP



Nas Instalações da Rua de Sant'Anna à Lapa, Jaime, Alfaro e Marta e, em pé, Gilberto Renda, 1929.
Acervo Fábrica Sant'Anna

ÍNDICE

- I · ROTAS DOS AZULEJOS. ROTA AUTORIA GILBERTO RENDA
- II · GILBERTO RENDA
- III · REDE FERROVIÁRIA NACIONAL / LOCALIZAÇÃO NA REDE E NO TERRITÓRIO
- IV · HISTÓRIA E CRONOLOGIA
 - Linha do Minho
 - Linha do Douro
 - Ramal de Vila Viçosa
 - Linha de Sines
 - Linha do Sabor
 - Linha do Tâmega
- V · PATRIMÓNIO AZULEJAR FERROVIÁRIO
 - Tipologias
 - Iconografia
 - Distribuição das principais representações etnográficas
- VI · OBRA DE GILBERTO RENDA NO CAMINHO-DE-FERRO
 - Estação de Caminha
 - Estação do Pocinho
 - Estação de Vila Viçosa
 - Estação de Santiago do Cacém
 - Estação de Sines
 - Estação de Duas Igrejas-Miranda
 - Estação de Sendim
 - Estação de Mondim de Basto
- VII · PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO COM O PROJETO SOS AZULEJO
- VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO
 - Geral
 - Conservação e restauro dos painéis azulejares
 - Estação de Caminha
 - Estação do Pocinho, Estação de Sendim e Estação de Mondim de Basto
- IX · REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. FONTES. ARQUIVOS
- X · AGRADECIMENTOS
- XI · FICHA TÉCNICA



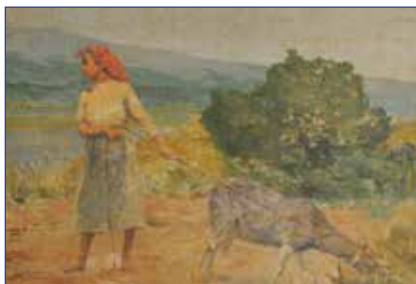
Painel da Estação de Vila Viçosa

Gilberto Renda, a segunda Rota Autoria, apresenta o trabalho do pintor Gilberto Renda para oito estações da rede ferroviária nacional.

Rotas dos Azulejos, um projeto IP Património, convida à descoberta do extenso património azulejar artístico, histórico e cultural de Portugal, patente em praticamente todas as estações da rede ferroviária nacional e em muitas das estradas sob gestão da IP - Infraestruturas de Portugal. Rota é um caminho ou percurso que implica uma viagem física ou virtual e que se destaca pelos seus atrativos por permitir o lazer, a aquisição de conhecimento, dando acesso, no caso em apreço, a um património com mais de cem anos. A procura da viagem poderá, então, ser alvo de determinado objetivo: lazer ou estudo, ser seletiva e recair num determinado tema azulejar – autoria, localização (por linha ou ramal), tipologia (figurativo, padrão, outra) ou centro de produção.



Gilberto Renda aos 24 anos
Acervo Luis Leyva



Óleo sobre tela | Obra de Gilberto Renda
Acervo Luis Leyva



Óleo sobre tela | Obra de Gilberto Renda
Acervo Luis Leyva

Gilberto Renda foi o mestre de pintura da Fábrica Sant'Anna, onde trabalhou desde os anos 20 aos anos 70 do século XX, obtendo grande destaque na sua atividade que é indissociável da afirmação da fábrica na feitura de painéis de azulejo artístico, o que muito contribuiu para o reconhecimento da excelência da produção da fábrica.

Como pintor figurativo e de painéis de azulejo, a sua muito extensa produção pode ainda hoje ser vista em estações ferroviárias, hoje sob gestão da Infraestruturas de Portugal. Para referir as mais importantes devemos assinalar as Estações de Caminha, Pocinho, Sendim, Mondim de Basto, Duas Igrejas-Miranda e no Sul do país as estações de Vila Viçosa, Santiago do Cacém e Sines, produzidas sobretudo desde as décadas de 20 a 40 do século passado.

Na obra Aspectos Azulejares na Arquitectura Ferroviária Portuguesa, trabalho fundamental que analisa a criação artística e decorativa azulejar mais significativa existente nas estações de caminho-de-ferro de Portugal, inventariam-se, deste pintor, perto de uma centena de painéis figurativos, produzidos na Fábrica Sant'Anna: 19 em Caminha, 19 em Duas Igrejas-Miranda, 14 em Sendim, 4 em Mondim de Basto, 1 no Pocinho, 10 em Vila Viçosa, 16 em Santiago do Cacém e 14 na de Sines.

Gilberto Renda, dotado de uma mestria e domínio do desenho académico, era um dos artistas que pintava sobre o vidro, em técnica ao grande fogo. Organizando os seus temas regionais históricos e etnográficos enquadrados por molduras de gosto barroco, como, por exemplo, nos casos de Mondim de Basto, com um vocabulário temático que se socorre das belezas paisagísticas e monumentais das regiões, de quadros da

Saber mais sobre

[A Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna](#)

história de Portugal, dos usos e costumes da vida rural, ou o ambiente e a vida marítima e fluvial.

No Sul, as estações de Santiago do Cacém, Sines e Vila Viçosa são exemplos de grande beleza decorativa, sendo que no caso de Sines, para além dos painéis artísticos são introduzidos atapetados nos vãos arquitetónicos da fachada com um surpreendente efeito decorativo.

Em Vila Viçosa, os painéis e quadros artísticos em azuis, são emoldurados por bordaduras em estilo "rocaille". Aqui os temas percorrem quadros da história de D. João IV e da Restauração em Portugal, monumentos de Vila Viçosa e cenas da vida agropecuária alentejana; a cortiça e os cereais.

A estação de Santiago do Cacém, produzida na época de Henrique Constâncio, datada de 1931-32, apresenta igualmente quadros da vida rural, paisagens e monumentos e tem ainda aplicados azulejos de padrão da Fábrica Sant'Anna, que enriquecem e complementam o conjunto dos painéis artísticos, recorrendo ao emprego de um padrão clássico seiscentista, quadrilobado, em azul e amarelo, ou noutros espaços a silharia é preenchida com motivos da azulejaria joanina.

Mas, no caso da Estação de Caminha, em vez do neobarroco ou rocaille que emoldura grande número de casos deste tipo de painéis, Gilberto Renda constrói uma silharia que se desenvolve em torno do edifício principal da estação, socorrendo-se de uma linguagem neoclássica colorida, em estilo Dona Maria, inserindo nos tramos de parede, entre vãos, 19 quadros com medalhões de pintura mo-

nocromática em azuis.

Não esqueçamos, que o grande conjunto das antigas estações ferroviárias, mesmo até à década de 1960, utilizava um vocabulário arquitetónico revivalista, nas várias cambiantes do dito estilo português modernizado, ou suavizado, durante o período do Estado Novo, sendo preferencialmente as opções temáticas da pintura dos painéis decorativos, empregues como silharia, com recurso a quadros construídos a partir das belezas ou imagens de cenas da etnografia regional.

Na diversificada produção deste artista, devem ainda ser referidas mais algumas obras.

São também da sua autoria os painéis existentes no atual Pavilhão Carlos Lopes, no Parque Eduardo VII, em Lisboa, construído nos anos trinta do século XX, para a Grande Exposição Industrial Portuguesa.

Gilberto Ventura Terra Renda, nasceu em 18 de dezembro de 1884, em Seixas e faleceu em Lisboa a 30 de novembro de 1971. Filho de José Gonçalves Renda e de Maria Rosa Terra, que tinham casado a 17 de janeiro do ano em que nasceu. Uma semana depois do dia do seu nascimento, no Dia de Natal, foi batizado na Igreja de S. Pedro de Seixas, tendo sido seu padrinho o seu tio Miguel Ventura Terra, então estudante com 18 anos, e que se viria a tornar numa figura cimeira da arquitetura moderna em Portugal. Este arquiteto, que sempre recorreu a pintores e escultores contemporâneos nas suas obras, como o fez na Câmara dos Deputados, teria certamente influenciado e apoiado muito e sempre a sua carreira de estudante e profissional. Gilberto Renda chegou a morar em Lisboa, na casa do tio, na Rua Alexandre Herculano que o convidou a participar em alguns dos seus projetos,

no campo da pintura decorativa.

Gilberto Renda teve a sua formação artística e foi discípulo de Veloso Salgado, concluindo o Curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa.

Obteve em 1910 o Prémio Tomás d'Anunciação e de 1912 a 1913 foi bolseiro do legado Valmor em Paris. Recebeu ainda vários prémios e medalhas, da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi pintor de cenários para teatro, em parceria com Luis Amâncio e Frederico Serra, elaborando trabalhos que eram assinados como "Renda, Serra & Amâncio".

Também acompanhou as mudanças da fábrica, da Rua de Sant'Anna à Lapa, para as instalações transitórias na Rua da Junqueira, até à fixação na Calçada da Boa-Hora.

Gilberto Renda terá sido o pintor que mais influência teve no curso que a pintura da Sant'Anna assumiria nas suas obras, pois o mestre que lhe sucede, Rogério Amaral, apesar de pertencer a outra geração aprendeu e desenvolveu a arte de pintura em azulejo, tendo, sem dúvida, herdado muito deste mestre, com quem trabalhou desde a década de 1930, para depois lhe suceder.

Gonçalo Couceiro, "Elementos para a História da Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna, desde 1741, 2015

III · REDE FERROVIÁRIA NACIONAL LOCALIZAÇÃO NA REDE E NO TERRITÓRIO

1 - ESTAÇÃO DE CAMINHA

Estação de passagem ao PK 104,676



Linha do Minho
Inauguração em 1 de julho de 1878

Colocação dos azulejos na década de 1930

3 - ESTAÇÃO DE VILA VIÇOSA

Estação de passagem ao PK 191,600



Ramal de Vila Viçosa
Inauguração em 1 de agosto de 1905
Encerramento em 1 de janeiro de 1990

Colocação dos azulejos na década de 1920
do séc. XX

5 - ESTAÇÃO DE SINES

Estação de passagem ao PK 177,200



Linha de Sines
Inauguração em 20 de junho de 1934
Encerramento a 2 de janeiro de 1990

Colocação dos azulejos em 1934 / 1935

2 - ESTAÇÃO DO POCINHO

Estação de passagem ao PK 171,522



Linha do Douro
Inauguração em 10 de janeiro de 1887

Colocação dos azulejos na década de 1930

4 - ESTAÇÃO DE SANTIAGO DO CACÉM

Estação de passagem ao PK 160,800



Linha de Sines
Inauguração em 20 de junho de 1934
Encerramento a 2 de janeiro de 1990

Colocação dos azulejos na década de 1930

6 - ESTAÇÃO DE DUAS IGREJAS-MIRANDA

Estação Terminal ao PK 105,300



Linha do Sabor
Inauguração em 22 de maio de 1938
Encerramento a 1 de agosto de 1988

Colocação dos azulejos em 1938

7 - ESTAÇÃO DE SENDIM

Estação de passagem ao PK 94,000



Linha do Sabor
Inauguração em 22 de junho de 1938
Encerramento a 1 de agosto de 1988

Colocação dos azulejos em 1938

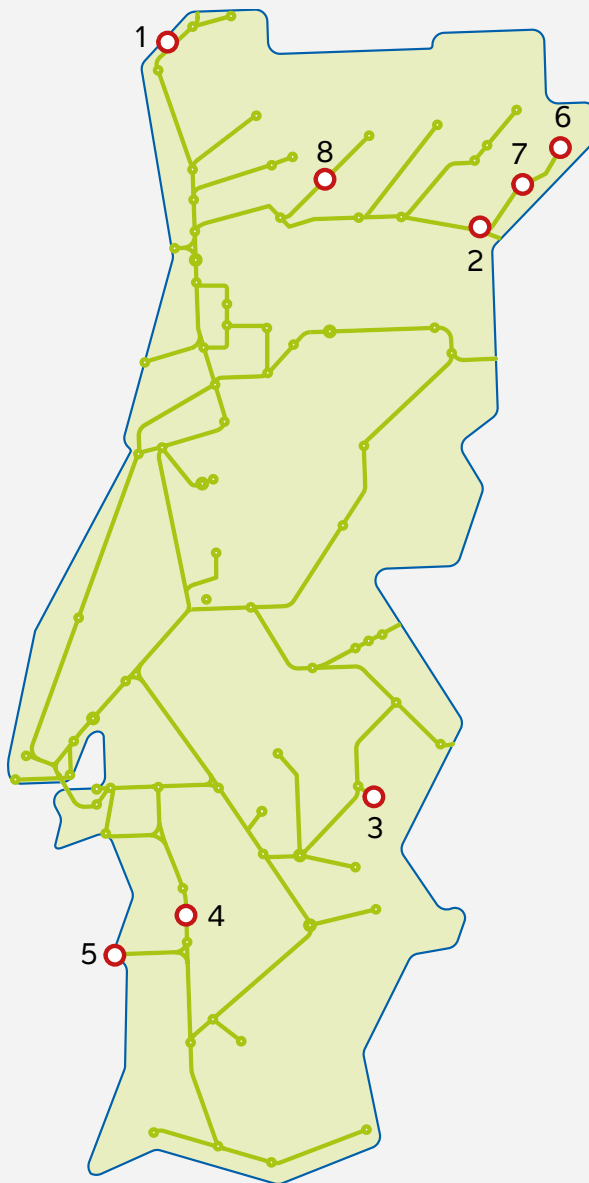
8 - ESTAÇÃO DE MONDIM DE BASTO

Estação de passagem ao PK 40,200



Linha do Tâmega
Inauguração em 15 de janeiro de 1949
Encerramento a 1 de janeiro de 1990

Colocação dos azulejos nos anos 50
do sé. XX



Portugal foi o 14º país do mundo a ter caminhos-de-ferro, após a aplicação da força do vapor à tração de veículos de transporte comercial de passageiros, que aconteceu em Inglaterra em 1825.

Com a Regeneração, reuniram-se as condições para iniciar a construção da rede ferroviária nacional cuja figura de destaque foi António Maria Fontes Pereira de Melo.

Em 28 de Outubro de 1856 inaugurava-se o meio de transporte que iria permitir o desenvolvimento do país, em bitola europeia (inglesa) dado que os primeiros capitais e técnicos eram ingleses.

LINHA DO MINHO

Foi em 20 de maio de 1875 que, a norte do rio Douro, circulou o primeiro comboio, na Linha do Minho, entre Porto e Braga.

O comboio chega a Caminha em 1878.

Valença, que estava ligada à restante rede ferroviária desde 1882, por uma epidemia que assolava a Galiza, só viu concretizada a ligação internacional a partir de 25 de março de 1886. O Ramal de Monção, inaugurado em 1915, foi encerrado em dezembro de 1989.

LINHA DO DOURO

O projeto da construção das linhas do Minho e Douro revela o esforço realizado em Portugal, com capitais portugueses, na segunda metade do séc. XIX, para dotar o país de vias rodo e ferroviárias que satisfizessem as necessidades da Revolução Industrial. Em 29 julho de 1875, circulou o primeiro comboio na Linha do Douro entre o Porto e Penafiel.

A Régua passou a ser servida por comboio em 1879, o Pinhão em 1880, o Tua em 1883, chegando o comboio a Barca d'Alva em 8 de dezembro de 1887, com ligação a Salamanca através da ponte internacional sobre o rio Águeda. O troço entre esta localidade e o Pocinho foi encerrado em outubro de 1988.

RAMAL DE VILA VIÇOSA

As linhas férreas ao Sul do Tejo foram contratadas entre o Barreiro e Vendas Novas, com um ramal para Setúbal na bitola de via 1,44m, à Companhia Nacional de Caminhos de Ferro ao Sul do Tejo, e entre Vendas Novas e Évora e Beja, foi contratada à Companhia "Inglesa" e construída na bitola de 1,67m.

Os problemas para a exploração levaram a que, no ano de 1867, a bitola fosse uniformizada para 1,67m.

A exploração até Vendas Novas começou em 1858, chegando o comboio a Évora em 1863, a Estremoz em 1873 e a Vila Viçosa em 1905.

O serviço de passageiros entre Évora, Estremoz e Vila Viçosa terminou em dezembro de 1989, sendo desativado em 2011 o troço Évora-Estremoz.

LINHA DE SINES

O Ramal de Sines, que começou por ser apontado como parte do percurso ferroviário que levaria a Lagos foi concluído em setembro de 1936, ligando em Ermidas-Sado, na Linha do Sado, ao centro da Vila de Sines. Em dezembro de 1989 foi encerrado o serviço de passageiros entre a Bifurcação de Sines e Sines-Cidade. A ligação ao Porto de Sines aconteceu em 1992, tendo sido eletrificada em 2002, no percurso Sines-Águas de Moura.

LINHA DO SABOR

Reconhecida a necessidade da construção em 1879, classificada em 1900 foi iniciada em 1903. Apesar de preconizada a construção como ligação internacional, com saída quer do Porto quer de Viseu, por Zamora a caminho de França, no Plano de 1877 classificou-se a linha com o objetivo único de servir as minas de ferro, mas, em 1879, foi definida a directriz Pocinho-Moncorvo, Mogadouro e Miranda. Em 1901 houve concurso para a ponte para serviço do caminho-de-ferro e da estrada, em tabuleiros sobrepostos, concluída em 1908.

O troço Pocinho – Carviçais foi aberto à exploração em setembro de 1911; o de Carviçais a Lagoaça em julho de 1927; o de Lagoaça a Mogadouro em julho de 1930 já com gestão da Companhia Nacional, após o subarrendamento à CP. O comboio chegou a Duas Igrejas, a 10 Km de Miranda do Douro, troço onde se localiza a estação de Sendim, em maio de 1938.

Os 105,291 Kms demoraram 35 anos a construir. O encerramento aconteceu em 1981 para passageiros e em 1988 para mercadorias.

LINHA DO TÂMÉGA

Com início na Livração, a Linha do Tâmega, complementar da do Douro, só começou a ser construída em março de 1905 pelos Caminhos-de-Ferro do Estado – Minho e Douro.

O primeiro troço, entre Livração e Amarante, foi inaugurado em março de 1909; o 2º, entre Amarante e Gatão em outubro de 1921; o 3º, entre Gatão e Chapa, abriu à exploração em junho de 1926.

Em 1927 a CP toma por arrendamento as linhas dos CFE e subaluga a do Tâmega à Caminhos-de-Ferro do Norte de Portugal (NP), que faz chegar o comboio a Celorico de Basto em março de 1932.

Em 1947 esta linha passou para gestão da CP, chegando o comboio a Arco de Baúlhe em janeiro de 1949, servindo de permeio a Estação de Mondim de Basto.

TIPOLOGIAS

Na tradição de revestimento parietal, na sua integração na arquitetura, a azulejaria encontra nos edifícios das estações de caminho-de-ferro um suporte de eleição para a expressão das suas potencialidades pictóricas.

É nas faces vidradas e através do desenho, da cor, do claro-escuro dado pela pincelada rápida, por vezes do relevo e, sobretudo, através do brilho, do seu reluzir, que se acentua e estrutura a modelação das superfícies.

No caso dos painéis figurativos, e numa primeira fase, a temática preferencial são as paisagens e sítios, usos e costumes, tradições e fainas agrícolas ou piscatórias, constituindo como que “bilhetes-postais” de cada localidade. As diferentes fontes de inspiração provêm muitas vezes de gravuras ou fotografias, revelando a intuição e competência dos pintores de azulejos na adaptação dessas imagens à escala monumental da arquitetura.

As técnicas industriais e artesanais mais frequentes são a pintura à mão, diretamente sobre o vidro, a estampilhagem (uso de máscaras recortadas para passagem dos pigmentos coloridos para o vidro), a estampagem (impressão por prensagem mecânica de uma estampa sobre a peça vidrada) e o alto e médio-relevo (formas preenchidas com argila, trabalhadas manualmente ou por pressão mecânica).

A conceção e a produção dos azulejos, o “saber fazer”, integra-se no registo das boas práticas de património imaterial e na história social do trabalho porque, por mais simples e em mau estado que estejam, são testemunhos de intenções, de vontades, de técnicas e de criatividade.

A vitalidade do azulejo, o “belo material”, no dizer do arquiteto João Carlos Loureiro que, no seu livro “O azulejo - Possibilidades da sua reintegração na arquitetura portuguesa”, escreve:

“Alguns cobrem a superfície inserindo-se claramente na organização arquitetónica da fachada, marcando os vãos com uma acentuação do desenho que confere ao azulejo mais do que um papel meramente funcional. (...) A presença do revestimento é tão importante que se a dimensão e a escala das componentes arquitetónicas do edifício não fossem tão poderosas, na sua extrema sobriedade, estaríamos certamente em presença de um exemplo em que a arquitetura de suporte seria destruída.”

A adoção deste material representa a grande originalidade na decoração das fachadas dos edifícios, além de uma economia na sua conservação e limpeza pela duração e proteção que lhes assegura.”

O azulejo concorre para acentuar a dignidade da arquitetura dos edifícios e, por conseguinte, para a valorização estética da paisagem ferroviária.

O azulejo, quer assumindo-se como elemento ornamental único, quer pela associação coerente com outros elementos dispersos, arquitetónicos ou não, distribuídos ao longo de todo o complexo ferroviário, contribui para o conceito de paisagem ferroviária.

Trata-se de um conjunto expressivo, enérgico, que precisa de ser lido globalmente. Neste universo o azulejo participa com a sua superfície vidrada, clara, alegre, num vibrante diálogo de matérias e cores.

Casos há em que o revestimento azulejar foi definido em conjunto com a arquitetura em que se insere, e casos em que o revestimento azulejar foi posteriormente aplicado aos edifícios já existentes.

É UM PATRIMÓNIO MUITO VARIADO, DESTACANDO-SE AS SEGUINTE TIPOLOGIAS

- Composições figurativas, em que os temas preferenciais foram, num primeiro tempo, as paisagens e sítios, usos e costumes, tradições e fainas agrícolas ou piscatórias e o património documental de cada localidade

- Composições não figurativas

- Composições de módulo padrão, interior e de exterior, com motivos geométricos, nalguns casos relevados

- Composições de azulejos enxaquetados

- Toponímia, por vezes em paralelo com o nome da estação escrito a vidro preto, em pavimentos de calçada portuguesa. Inscrição (salvaguarda urgente) da «Arte e Saber-Fazer da Calçada Portuguesa» no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, DGPC. Diário da República n.º 141/2021, Série II de 2021-07-22. Anúncio 172/2021, 2021-07-22 - DRE

- Azulejos de figura avulsa

- Azulejos isolados

- Azulejos lisos de uma só cor

- Painéis singulares: informativos, publicitários, com assinaturas, moradas (rua, largo, avenida), legendas, sinalização (armazéns), outros

- PK/ponto quilométrico associado às PN/passagens de nível

- Suportes de lanterna

- Suportes de cartazes horários e outros

- “Escudos da Nação” animando os alçados da primeira geração de edifícios

- Placas para atribuição dos prémios para as “Estações Floridas”, com desenho original de Carlos Botelho (Lisboa, 18 de setembro de 1899 — Lisboa, 18 de agosto de 1982). Em várias estações encontramos placas dos Prémios atribuídos às “Estações Floridas” produzidas na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego (c. 1941). “Estações Floridas” nome dado a um concurso instituído em 1941, cujo objetivo era estimular o bom gosto na ornamentação floral das estações dos caminhos-de-ferro e revelar aos turistas estrangeiros um aspeto bem característico do temperamento artístico e do proverbial bom gosto do povo português.



“Escudo da Nação”

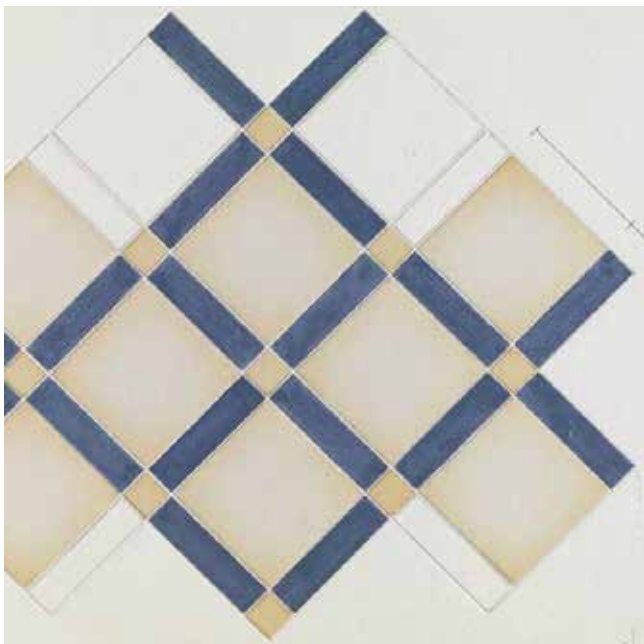
A partir de 1941, as estações premiadas passaram a ter placas cerâmicas nos alçados dos edifícios, com indicação do ano e lugar no concurso, que não se realiza há várias décadas.



COMPOSIÇÕES DE XADREZ ESCALA E RITMO

“As composições decorativas de esquema mais simples são obtidas com o efeito de xadrezado, isto é, através da alternância regular de peças de duas cores.

O reticulado provocado pelas junções entre azulejos determina o ritmo de decoração transformando uma superfície lisa e estática num



Extracto do texto e imagem

José Miguel dos Santos Simões in *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI. Introdução geral*, FCG, Lisboa, 1990, 2ª edição,

conjunto dinamizado com centros de interesse visual, as linhas de força. Como tal, o azulejo ou melhor o formato do azulejo comanda e determina a sua potencialidade decorativa. O reticulado obtido pelo agrupamento superficial dos azulejos é o seu maior valor plástico. (...) Vemos, portanto que o azulejamento de uma superfície é sempre um ato de decoração, independentemente de desenhos ou ornatos adicionados nos azulejos. A “decoração” assenta fundamentalmente na observação e compreensão de dois princípios: escala e ritmo.

No caso do azulejo liso, sem quaisquer ornatos ou cores, o ritmo é especificamente linear, ou seja, é automaticamente obtido pela repetição cadenciada de linhas de força orientadas normalmente entre si.

Quando observamos uma superfície azulejada deste tipo o que imediatamente nos sensibiliza é a linha: as superfícies limitadas por essas linhas constituem como que um fundo neutro sem impacto no mecanismo visual. É natural que tenha sido este ritmo linear que primeiro foi notado e explorado: haja em vista os ritmos do mesmo tipo obtidos com os tijolos na arquitetura arcaica do Médio Oriente.”

ICONOGRAFIA

A iconografia identifica e cataloga os temas representados, utilizando o sistema de descrição de imagens Iconclass (www.iconclass.org).

Em breve estará disponível a tradução para português dos cerca de 40000 termos que integram esta ferramenta de vocabulário controlado e a pesquisa no Az Informatum passará a articular-se com o browser do próprio Iconclass (http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/imovel_pesquisa.aspx).

- ARTE ABSTRATA
- ARTE NÃO FIGURATIVA
- RELIGIÃO E MAGIA
- NATUREZA
- SER HUMANO, HUMANIDADE
- SOCIEDADE, CIVILIZAÇÃO, CULTURA
- IDEIAS E CONCEITOS ABSTRATOS
- HISTÓRIA
- BÍBLIA
- LITERATURA
- MITOLOGIA CLÁSSICA E HISTÓRIA ANTIGA



Painel da Estação de Caminha
Junta de bois transportando feno

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP



Painel da Estação de Vila Viçosa
Carro do feno

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS REPRESENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Indumentária Regional

Caminha, Sendim, Duas Igrejas-Miranda, Santiago do Cacém, Sines e Vila Viçosa

Representação de Animais

Burros e Muares

Sendim e Santiago do Cacém

Gado Ovino, Suíno e Caprino

Duas Igrejas-Miranda, Santiago do Cacém e Vila Viçosa

Atividades Tradicionais

Extração de Cortiça

Santiago do Cacém do Cacém e Vila Viçosa

Produção de Vinho

Pocinho e Mondim de Basto

Cultura de Cereais

Caminha, Santiago do Cacém do Cacém e Vila Viçosa

Pesca

Santiago do Cacém do Cacém e Sines

Pastores e Campinos

Duas Igrejas-Miranda e Santiago do Cacém

Moinhos e Azenhas

Mondim de Basto

Feiras, Mercados e Festas

Duas Igrejas-Miranda e Santiago do Cacém

Representação de Animais

Burros e Muares

Sendim e Santiago do Cacém

Gado Ovino, Suíno e Caprino

Duas Igrejas-Miranda, Santiago do Cacém e Vila Viçosa

ESTAÇÃO DE CAMINHA

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem,
ao PK 104,676 da Linha do Minho



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

O edifício de passageiros apresenta uma das tipologias arquitetónicas ferroviárias tradicionais, de composição simétrica nas duas fachadas, principal e virada à linha-férrea: corpo central de dois pisos ladeado por dois corpos de um só piso e de pequenas dimensões (menores que no edifício semelhante de Vila Viçosa).

No desenho das consolas da estrutura metálica do alpendre aparecem argolas e flores, as "margaridas".

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras neoclássicas policromas, autoria de Gilberto Renda.

Edifício incluído na Zona de Proteção do Centro Histórico de Caminha



Saber mais sobre

[Monumentos](#)
[Rota dos Azulejos - Linha do Minho](#)
[Município de Caminha](#)

Inauguração da Estação – 1 de julho de 1878
Colocação dos azulejos – Década de 1930

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Azulejos de padrão no átrio e nos gabinetes.
- Painéis para afixação de cartazes.
- Suporte de lanterna
- Toponímia em painéis de azulejo em três das fachadas.
- Azulejos de padrão no átrio e nos gabinetes.
- Painéis para afixação de cartazes.
- Suporte de lanterna.
- Toponímia em painéis de azulejo em três das fachadas.

Placas Relativas aos Prémios “Estações Floridas”

- 1948 e 1958, 1º Prémio
- 1945 e 1953, 2º Prémio
- 1947 e 1950, 3º Prémio

Edifício das instalações sanitárias

- Silhar de azulejos policromos de padrão fitomórfico e sinalização
- Toponímica das entradas também em painéis de azulejos.

Jardim da estação.

Túnel ferroviário na entrada da estação, a Sul.

Ponte ferroviária sobre o Rio Coura, na saída para Norte.

Património Azulejar

22 painéis de azulejos figurativos, sendo 16 painéis nas fachadas principal e voltada ao cais e 6 painéis nas fachadas laterais.

As molduras são neoclássicas, estando as cenas representadas dentro de pequenos medalhões ovalados.



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ ESTAÇÃO DE CAMINHA



Praia de Moledo



Torre da Lapela (Monção)



Capela



Pescadores lançando as redes



Alminhas



Casal de pescadores



Ponte medieval de Vilar de Mouros



Mulheres recolhendo os limos

OBRA DE GILBERTO RENDA
/ ESTAÇÃO DE CAMINHA



Vários tipos de embarcações no rio



Igreja Matriz de Caminha



Pelourinho de Arcos de Valdevez



Casario junto ao rio



Arrumando medas nos espigueiros



Vista da praça desde a arcada do edifício da Câmara Municipal



Torre do Relógio e edifício da Câmara Municipal

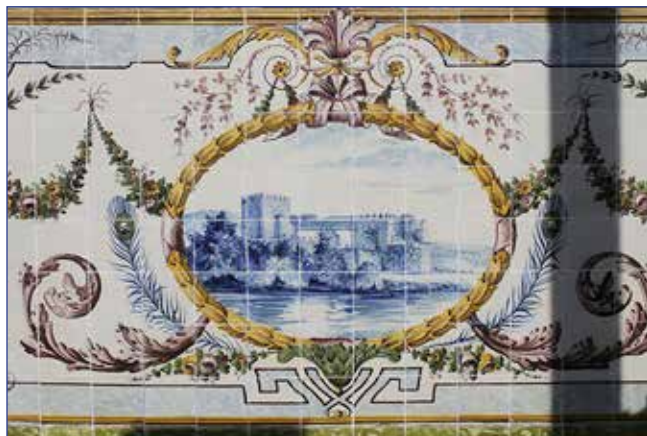


Junta de bois transportando feno

OBRA DE GILBERTO RENDA
/ ESTAÇÃO DE CAMINHA



Junta de bois transportando toro de madeira



Casa de Lanheses



Pescadores no rio



Vista da ponte rodoviária de Caminha



Capela de Santo Isidoro, Caminha



Anta da Barrosa



Lambris do edifício das instalações sanitárias

ESTAÇÃO DO POCINHO

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem
ao PK 171,522 da Linha do Douro



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

Edifício de planta retangular desenvolvido em três pisos separados por frisos de granito, composto por três corpos. Fachadas percorridas por embasamento de granito sobreposto por lambril de azulejos de padrão (azul sobre fundo branco), rematadas por friso e cornija alteada.

No desenho das consolas da estrutura metálica do alpendre aparecem argolas e flores, as "margaridas". Painel de azulejos retratando as vindimas, envolvido por moldura rococó, em que estão presentes os concheados característicos deste estilo, também em azul e branco, autoria de Gilberto Renda.

Saber mais sobre

[Monumentos](#)



Inauguração da estação – 10 de janeiro de 1887
Colocação do painel de azulejos – Década de 1930

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Lambris revestidos a azulejos de padrão.
- Suporte de lanternas.
- Toponímia em painel de azulejos na fachada virada à linha férrea.
- Relógio de plataforma

Edifício das Instalações Sanitárias

- Azulejos de padrão

Cais coberto e descoberto

Guindaste

Depósito de água.

Toma de água ou grua.

Poço

Lampistaria (arrecadação)

Vedações

Património Azulejar

Painel de azulejos único na fachada virada à linha férrea.



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ ESTAÇÃO DO POCINHO



Vindima (homens carregando cestas de uvas)

Fotografia | Gonçalo Couceiro



Fotografia | Gonçalo Couceiro

ESTAÇÃO DE VILA VIÇOSA

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem
ao PK 171,522 da Linha do Douro



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

O edifício de passageiros apresenta uma das tipologias arquitetónicas ferroviárias tradicionais, de composição simétrica nas duas fachadas, principal e virada à linha férrea.

corpo central de dois pisos ladeado por dois corpos de um só piso (estes com uma dimensão maior que no edifício semelhante de Caminha).

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras rococó, em que estão presentes os concheados característicos deste estilo, também em azul e branco, autoria de Gilberto Renda.

Edifício parcialmente incluído na Zona Especial de Proteção Conjunta dos imóveis classificados e em vias de classificação do Centro Histórico de Vila Viçosa

Saber mais sobre

[Monumentos](#)
[Museu Agrícola](#)
[Museu do Mármore](#)



Inauguração da estação – 1 de agosto de 1905
Encerramento da estação – 1 de janeiro de 1990
Data de colocação dos azulejos – Década de 1920 do séc. XX

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Toponímia VILLA VIÇOZA” em placas de mármore e “VILA VIÇOZA” em calçada portuguesa.
- O Museu Agrícola e Etnográfico está instalado no edifício de passageiros, onde anteriormente esteve instalado o Museu do Mármore.

Edifício das Instalações Sanitárias

- Silhar de azulejos monocromáticos (azul sobre fundo branco) de padrão fitomórfico e sinalização toponímica das entradas também em painéis de azulejos.

Cais coberto e descoberto com guindaste e gabarit de carga.

Depósito de água.

Poço.

Cocheira.

Património Azulejar

10 painéis, 4 em cada uma das fachadas de maiores dimensões, 1 em cada uma das laterais; existem 16 outros (6 na fachada principal, 6 na posterior e 2 em cada uma das laterais) com motivos tipicamente barrocos e rocaille (albarradas, putti, enrolamentos...); existe ainda um painel, ao nível do piso superior da fachada voltada ao cais com o brasão de armas de Vila Viçosa.



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ VILA VIÇOSA



Recolha da cortiça



"Entrevista do Duque de Bragança com Pedro de Mendonça 1640"



Carro do feno



"Partida do Duque de Bragança para Lisboa a ocupar o trono"



Malhar o trigo

OBRA DE GILBERTO RENDA
/ VILA VIÇOSA



Panteão dos Duques e vista geral de Vila Viçosa



Panteão das Duquesas (Vila Viçosa)



Ceifa



Fenação (enleiramento)



Homem com parelha de cavalos num curso de água

ESTAÇÃO DE SANTIAGO DO CACÉM

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem, desativada,
ao PK 160,800 da Linha de Sines



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

Com tipologia arquitetónica, idêntica à do edifício da estação de Sines, procura desenvolver questões relacionadas com a “Casa Portuguesa”, apresentando volumes articulados com coberturas diferenciadas, colonata toscana, beirados, chaminés e pináculos.

As analogias existentes entre estas estações fazem supor a presença de Ernesto Korrodi quer em Sines quer em Santiago do Cacém.

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras policromas com elementos arquitetónicos, concheados e grinaldas, autoria de Gilberto Renda.



Saber mais sobre

[Monumentos](#)

Inauguração da Estação – 20 de junho de 1934
Encerramento da estação – 2 de janeiro de 1990
Data de colocação dos azulejos - 1931 / 1932

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Azulejos de padrão no átrio e em vários gabinetes.
- Painéis para afixação de cartazes.
- Paineis com "Escudo da Nação".
- Suporte de lanterna.
- Toponímia em painéis de azulejo nas fachadas laterais.
- Toponímia "Santiago" em calçada portuguesa na antiga plataforma de passageiros.

Património Azulejar

14 composições azulejares: 6 painéis na fachada principal (2 dos quais dípticos), 2 painéis na fachada lateral direita e 6 na fachada voltada ao cais



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ SANTIAGO DO CACÉM



Descortçamento



Ruínas (diptico)



Igreja da Misericórdia de Alvalade



Ruínas de Miróbriga + Porta do Sol da Igreja Matriz de Santiago do Cacém



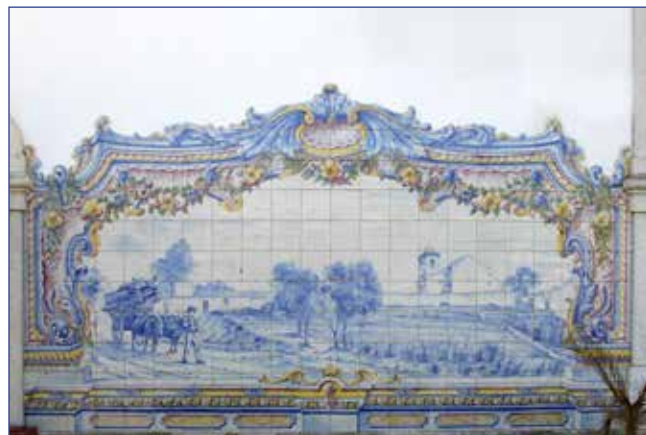
Pelourinho de Santiago do Cacém e Antigo edifício dos Paços do Concelho



Grupo de pessoas junto a curso de água (cena não identificada)



Transporte da cortiça em carro de bois



Transporte de cortiça em carro de bois

ESTAÇÃO DE SINES

Caraterísticas da Estação

Estação terminus desativada,
ao PK 177,200 da Linha de Sines



Edifício de passageiros.

Fotografia | Gonçalo Couceiro

Edifício de Passageiros

Com tipologia arquitetónica, idêntica à do edifício da Estação de Santiago do Cacém, procura desenvolver questões relacionadas com a “Casa Portuguesa”, apresentando volumes articulados com coberturas diferenciadas, colunata toscana, beirados, chaminés e pináculos.

As analogias existentes entre estas estações fazem supor a presença de Ernesto Korrodi quer em Sines quer em Santiago do Cacém. As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras policromas com elementos barroquizantes, autoria de Gilberto Renda

Através de Protocolo celebrado em 30 de outubro de 2000, o edifício de passageiros está subconcessionado à C. M de Sines por um período de 50 anos

Saber mais sobre

[Monumentos](#)



Inauguração da estação – 20 de junho de 1934
Encerramento da estação – 2 de janeiro de 1990
Data de colocação dos azulejos- 1934 / 1935

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Azulejos de padrão no átrio e gabinetes.
- Painel com “Escudo da Nação”
- Toponímia em painéis de azulejo nas fachadas laterais.

Cais coberto e descoberto

Património Azulejar

14 composições azulejares: 6 painéis na fachada principal, 6 na fachada voltada ao cais, 2 painéis na fachada lateral direita. Nos balcões do edifício representação de um elemento floral no centro do medalhão dos painéis de padrão.



OBRA DE GILBERTO RENDA

/ SINES



Ermida de Nossa Senhora das Salas



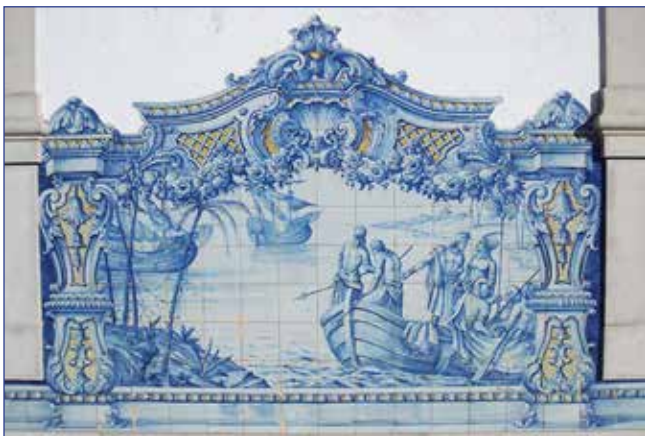
Partida de Vasco da Gama para a Índia



Embarque do Rei D. Miguel para o exílio



Vasco da Gama perante o Samorim



Visita do Samorim às naus portuguesas



Acondicionamento da cortiça



Castelo de Sines

OBRA DE GILBERTO RENDA

/ SINES



Barcos na doca – réplica do original, de 1995



Recolha das redes para terra



Remendando as redes



Recolha das redes para terra



Embarcações junto a Sines



Marinha (homem sentado sobre falésia, contemplando o mar)



Sines, vista geral

ESTAÇÃO DE DUAS IGREJAS-MIRANDA

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem
ao PK 105,300 da Linha do Sabor



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

O edifício de passageiros tem tipologia igual ao da Estação de Mondim de Basto, na Linha do Tâmega, embora de esquema invertido ao nível dos panos da frontaria.

Apresenta fachadas de dois pisos, tendo adossado, numa das laterais, um pequeno corpo quadrangular e escadas para acesso ao segundo piso. Com linguagem clássica, conciliada com a de caráter regionalista, e valorizada pelo recurso a cantaria nas molduras dos vãos e guarda de escadas.

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras policromas, autoria de Gilberto Renda.

Saber mais sobre

[Monumentos](#)
[Ecopista do Sabor](#)



Inauguração da Estação – 22 de maio de 1938
Encerramento da estação – 1 de agosto de 1988
Colocação dos Azulejos - Década de 1930

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Azulejos de padrão no átrio.
- Painel com “Escudo da Nação”.
- Painéis para afixação de cartazes.
- Suporte de lanterna.
- Toponímia em painéis de azulejo nas fachadas laterais

Cais coberto e descoberto.

Placa giratória com fosso.

Depósito de água.

Grua ou toma de água.

Vedações tradicionais em cimento.

Pontos de interesse nas imediações da estação

Ecopista do Sabor

Património Azulejar

19 composições azulejares, sendo 9 painéis na fachada principal, 6 voltados ao cais e 4 na fachada lateral direita. Todas as cenas têm molduras rococó, em que estão presentes os concheados caraterísticos deste estilo.



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ DUAS IGREJAS-MIRANDA



Antiga Domus Municipalis e Rua de Miranda do Douro



Ruínas do Castelo de Miranda do Douro



Pastora com gado ovino



Igreja do Santo Cristo do Outeiro e Igreja Matriz de Duas Igrejas



Igreja do Santo Cristo do Outeiro (Outeiro)



Carro do feno



Igreja Matriz de Duas Igrejas



Edifício do antigo Tribunal de Miranda do Douro (atual Câmara Municipal)

OBRA DE GILBERTO RENDA
/ DUAS IGREJAS-MIRANDA



Grupo de Pauliteiros



Homem trajando uma Capa de Honra Mirandesa, com antiga casa transmontana em pedra em segundo plano



Vista geral de Miranda do Douro



Vista geral de Miranda do Douro (com Sé e antiga Domus Municipalis)



Mulher com traje típico junto de família com traje domingueiro



Homem trajando uma Capa de Honra Mirandesa



Paisagem com árvore

OBRA DE GILBERTO RENDA
/ DUAS IGREJAS-MIRANDA



Antiga casa transmontana em pedra



Ruínas do Paço Episcopal de Miranda do Douro



Mulheres com trajos típicos



Sé de Miranda do Douro

ESTAÇÃO DE SENDIM

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem, desativada,
ao PK 94,000 da Linha do Sabor



Edifício de passageiros.

Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

O edifício de passageiros apresenta dois corpos de um só piso, sendo de realçar a elevação do corpo onde se localizavam as instalações para o Chefe da Estação e, no corpo mais baixo, o recuo da fachada virada à antiga linha férrea para criação de uma zona exterior coberta.

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos, azul sobre fundo branco, envolvidos por molduras rococó, em que estão presentes os concheados característicos deste estilo, também em azul e branco, autoria de Gilberto Renda.

Alguns dos painéis de azulejos encontram-se incompletos, tendo sido objeto de uma intervenção de salvaguarda e estabilização.

Saber mais sobre

[Monumentos](#)
[Ecopista do Sabor](#)



Inauguração da estação – 22 de junho de 1938
Encerramento da estação – 1 de agosto de 1988
Data de colocação dos azulejos – Cerca de 1938

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Painéis com "Escudo da Nação".
- Suporte de lanterna.
- Toponímia em painéis de azulejo nas fachadas laterais.

Edifício das Instalações Sanitárias

- Silhar de azulejos policromos de padrão fitomórfico e geométrico.

Cais coberto e descoberto.

Património Azulejar

15 composições azulejares, sendo 7 painéis na fachada principal e 8 na fachada voltada ao cais

Painel destruído. Sem fotografia
"Mulher com traje típico transmontano junto a burro"

Pontos de interesse nas imediações da estação

Ecopista do Sabor



OBRA DE GILBERTO RENDA

/ SENDIM



Vista com ponte de comboio



Igreja de Malhadas e Capela de Santo Cristo (Caçarelhos)



Ponte medieval dos Canos, Miranda do Douro



Castelo de Mogadouro e Castelo de Penas Róias



Grupo de pessoas apanhando e peneirando



Casa transmontana e Pelourinho (parcialmente destruído)



Fonte dos Canos, Miranda do Douro e Casa transmontana



Castelo de Algosó

ESTAÇÃO DE MONDIM DE BASTO

Caraterísticas da Estação

Estação de passagem, desativada,
ao PK 40,200 da Linha do Tâmega



Edifício de passageiros.

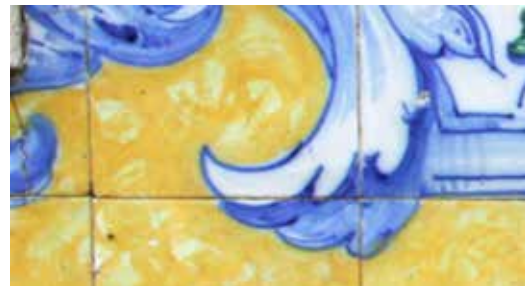
Fotografia | Bruno Cabrita
Acervo IP

Edifício de Passageiros

O edifício de passageiros tem tipologia igual ao da Estação de Duas Igrejas-Miranda, na Linha do Sabor, embora de esquema invertido ao nível dos panos da frontaria.

Apresenta fachadas de dois pisos, tendo adossado numa das laterais um pequeno corpo quadrangular e escadas para acesso ao segundo piso. Com linguagem clássica, conciliada com a de carácter regionalista, valorizado pelo recurso a cantaria nas molduras dos vãos e guarda de escadas.

As várias fachadas são rebocadas e pintadas de branco percorridas por painéis de azulejos figurativos monocromáticos (azul sobre fundo branco) envolvidos por molduras policromas, autoria de Gilberto Renda.



Saber mais sobre

[Monumentos](#)
[Ecopista do Tâmega](#)

Inauguração da estação – 15 de janeiro de 1949
Encerramento da estação – 1 de janeiro de 1990
Data de colocação dos azulejos – Anos 50 do séc. XX

Centro de Produção
Fábrica de Faiança e Azulejos Sant'Anna

Outros elementos de interesse patrimonial

Edifício de Passageiros

- Azulejos de padrão no átrio.
- Painéis para afixação de cartazes.
- Suporte de lanterna.
- Toponímia em painéis de azulejo nas fachadas laterais.

Cais coberto e descoberto.

Vedações tradicionais em cimento armado.

Património Azulejar

4 composições azulejares na fachada voltada ao cais; painéis com mascarões e outros elementos barroquizantes nas fachadas laterais; possui azulejos padronados no interior do edifício.

Pontos de interesse nas imediações da estação

Ecopista do Tâmega



OBRA DE GILBERTO RENDA
/ MONDIM DE BASTO



Transporte das uvas em carros de bois



Azenha



Homens e junta de bois



Barcos rabelo carregado com pipas



Padrão dos lambris do interior do edifício

VII · PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO COM O PROJETO SOS AZULEJO

No dia 28 de outubro de 2014, foi assinado um Protocolo de Cooperação entre a ex-REFER e a Polícia Judiciária, através da Escola de Polícia Judiciária, que integra o Museu de Polícia Judiciária, estabelecendo formas de cooperação de modo a alcançar, no domínio da missão do Projeto SOS Azulejo, a proteção mais eficaz possível ao património azulejar associado à rede ferroviária nacional.

A IP foi reconhecida com o Prémio Intervenção de Conservação e Restauro SOS Azulejo 2013 pelo contributo para a valorização do património azulejar na reabilitação dos painéis das Estações do Pinhão e de Porto São Bento, tendo também sido atribuído a estas estações o Prémio Brunel Awards 2014.

Em 2016 a IP foi distinguida com o Prémio Boas Práticas SOS Azulejo pelo trabalho desenvolvido na preservação do património azulejar, pelas ações na área da segurança (inventariação – manutenção – proteção).

Em 2019-2020 (excecionalmente o Prémio foi bianual devido à pandemia) a IP foi distinguida com o Prémio “Intervenção de Conservação e Restauro” pelo trabalho “Linha do Oeste - Conservação e Restauro dos painéis azulejares das estações de Caldas da Rainha, Valado, Outeiro, Bombarral, Mafra, Leiria e Óbidos”. Os conjuntos icográficos intervenções revestem os edifícios de passageiros maioritariamente ao nível do rés-do-chão e na zona das plataformas, representando uma iconografia e etnografia simples e direta – espaços bucólicos, figuras, monumentos, tradições e trabalhos campestres, perpetuando tradições e memórias das realidades regionais.



Placa SOS Azulejo, dissuasora de roubo e vandalismo de azulejos colocada em 240 estações e apeadeiros de caminho-de-ferro.



Estação do Pocinho

Fotografias | Bruno Cabrita
Acervo IP

GERAL

No que respeita à preservação dos azulejos têm sido desenvolvidas ações de conservação e restauro adotando metodologias e técnicas definidas para trabalhos desta natureza, desde o registo da situação existente, remoção de argamassas, dessalinização, consolidações, estabilizações, colagens e reintegrações cromáticas.

Nos painéis mais danificados, por força da forte presença de humidade no suporte, opta-se, por vezes, por fazer o seu assentamento num suporte móvel, evitando o contacto com a parede e, conseqüentemente, a migração de sais para os azulejos ou até por recorrer à manufatura de réplicas.

PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO MÍNIMA

Teoricamente, quando se procede ao restauro de uma peça ou conjunto, nenhuma parte original deve ser removida.

Caso não seja de todo possível evitar a remoção, deve-se reduzir ao mínimo indispensável a remoção de partes originais.

Da mesma forma, só devem ser adicionados materiais ou elementos não originais na medida do estritamente necessário.

Sempre que possível deve ser mantida a decoração original (incisões, pinturas, revestimentos metálicos ou outros, embutidos, etc.).

Em geral, todos os materiais e partes não originais devem poder ser removidos sem que esta ação afete a integridade da peça original.

Sempre que possível deve-se ter em mente a reversibilidade dos materiais e intervenções.

As intervenções de conservação e restauro devem ser totalmente documentadas (estado de conservação, ações desenvolvidas, estado após intervenção, intervenientes, fichas de produto, etc.)

NORMAS E DIRETIVAS

Em geral, há que ter em conta há que ter em conta
Convenções e Cartas Internacionais

Carta de Atenas 1931

Convenção de Haia 1954

Carta de Veneza 1964

Convenção da UNESCO 1970

Convenção da UNESCO 1972

Convenção do Património Mundial 1972

Carta Europeia do Património Arquitetónico 1975

Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa 1985

Carta para a Gestão e Proteção do Património Arqueológico 1990

Legislação nacional

Definição das carreiras Museológicas e CR na Administração Pública (DL nº 55/2001)

Lei Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004)

Códigos éticos e deontológicos

Carta de Copenhaga ICCOM 1984

ESTAÇÃO DE CAMINHA

CONSERVAÇÃO E RESTAURO (CR) DOS PAINÉIS AZULEJARES - 2015

Linha do Minho – Estação Ferroviária de Caminha

Dono de Obra – Infraestruturas de Portugal (à data REFER EPE)

Entidade Executante – Arqueologia e Património, Lda.

Prazo de Execução – 120 dias de calendário

Valor do Investimento – 21 407,01 €

IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS PAINÉIS EDIFÍCIO DE PASSAGEIROS E INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

O conjunto azulejar é composto por cerca de 5000 azulejos, distribuídos por quatro conjuntos.

Foi produzido na década de 1930, na fábrica Sant'Anna, em Lisboa.

Edifício de Passageiros

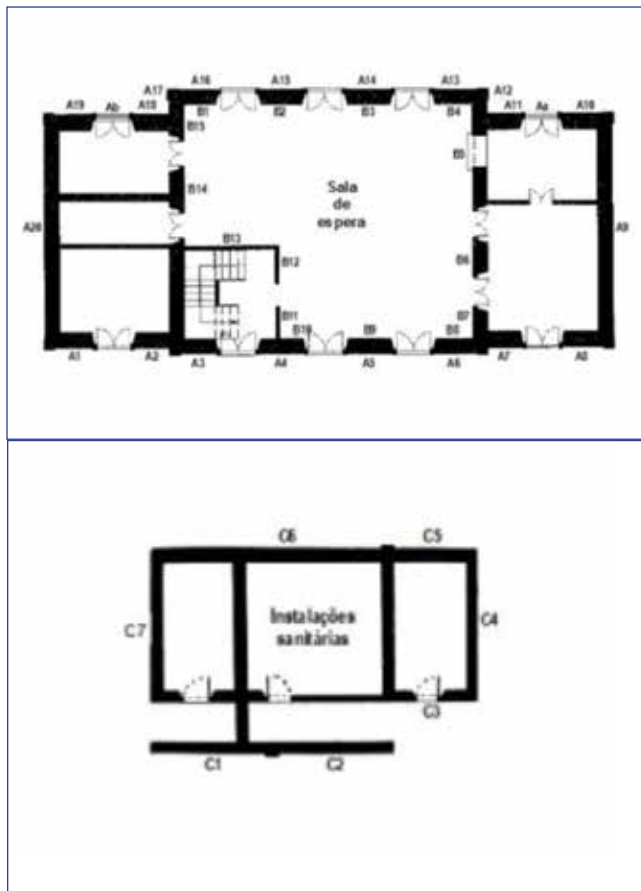
Conjunto A - 20 painéis historiados – costumes, tradições, monumentos e paisagens.

Conjunto B - 15 painéis padronizados, composição vegetalista estilizada, com módulo de quatro elementos e delimitado por cercadura para parte superior e inferior.

Instalações Sanitárias

Conjunto C - 7 painéis padronizados, tipo tapete, composição por dois motivos florais distintos.

Intervenção de conservação e restauro. Projeto, fiscalização e Investimento IP.





Lacuna ao nível de vidro e escorrência



Preenchimento com argamassa do tipo Portland



Lacuna total



Destacamento do suporte



Fissura e fraturas

VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

PATOLOGIAS – DIAGNÓSTICO



Fatores Antrópicos – Cartazes, elementos fixados e tubagens



Escorrências de sais



Destacamento de vidrado provocado por colonização biológica



Etiquetagem alfanumérica – A1, A2 ... B1, B2



Consolidação



Faceamento



Faceamento

VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO



Identificação dos azulejos destacados



Limpeza - Tardoz



CONSERVAÇÃO E RESTAURO



Limpeza – Face nobre – Química e mecânica



Dessalinização por imersão – medição dos valores de condutividade

VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO



Preenchimento e nivelamento



Suporte limpo e seu humedecimento



CONSERVAÇÃO E RESTAURO



Assentamento dos azulejos



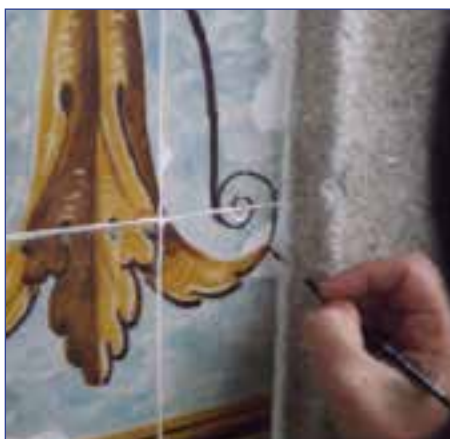
Réplicas e seu enquadramento

VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO



Preenchimento das juntas (argamassa à base de cal) e alinhamento



Reintegração cromática a pincel (emulsão de pigmentos puros inorgânicos em resina epóxi – HB Resosurf 816®)

CONSERVAÇÃO E RESTAURO



Limpeza e colagens (in situ)



Limpeza e remoção de manchas de oxidação – Agente quelante EDTA



VIII · AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

ESTAÇÃO DO POCINHO

2018 - Intervenção de conservação e restauro.
Projeto e Custos Autarquia local – Validação pela IP.

ESTAÇÃO DE SENDIM

2014 - Limpeza e refecimento de juntas.
Com mão de obra interna / IP.

ESTAÇÃO DE MONDIM DE BASTO

2021 - Intervenção de conservação e restauro.
Projeto, fiscalização e Investimento IP.



Estação de Mondim de Basto

Fotografia | Pedro Almeida
Acervo IP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAGÃO, Frederico de Quadros, Caminhos-de-Ferro Portugueses.

Esboço da sua história, [S.l.]: CP, 1956.

ALEGRIA, Maria Fernanda, A Organização dos Transportes em Portugal (1850/1910).

As vias e o tráfego, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Tese de doutoramento, 1990.

CALADO, Rafael Salinas, ALMEIDA, Pedro Vieira de, Aspectos Azulejares na Arquitectura Ferroviária Portuguesa, Caminhos de Ferro Portugueses, EP, [Lisboa], 2001.

CALDERÓN, José Luis Mingote, Da fotografia ao azulejo, Museu Nacional de Soares dos Reis e Imprensa Nacional Casa da Moeda, (2015/2016).

CULLEN, Gordon, Paisagem urbana, Edições 70, 1996.

PIMENTEL, Frederico Augusto, Apontamentos para a historia dos caminhos-de-ferro portugueses, Lisboa: Tipografia Universal, 1892.

GOMES, Gilberto, GOMES, Rosa – Os Caminhos-de-Ferro em Portugal 1856– 2006, CP, 2006.

HUMBERT, Georges-Charles, Traité Complet des Chemins de Fer, Baudry, Paris, 1908

LINO, Raul, Casas Portuguesas, Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples, Edição Valentim de Carvalho, Lisboa, 1954.

LOUREIRO, José Carlos, O azulejo. Possibilidades da sua reintegração na arquitectura portuguesa, Edição Caleidoscópio, março 2012 (2ª edição).

LOURENÇO, Tiago Borges, Postais azulejados. Decoração azulejar figurativa nas estações ferroviárias portuguesas, Dissertação de Mestrado em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014.

LYNCH, Kevin – A imagem da cidade Edições 70, 2000.

MECO, José – Azulejaria Portuguesa Coleção Património Português, Bertrand Editora, Lda., 1985.

Idem – O Azulejo em Portugal. Publicações Alfa, S.A., Lisboa, 1989.

NERY, Eduardo – Apreciação Estética do Azulejo. Edições INAPA, 2007.

PEREIRA, Hugo Silveira, Caminhos-de-ferro nos debates parlamentares (1845–1860), Porto: FLUP. Tese de mestrado, 2008.

PEREIRA, Paulo – História da Arte Portuguesa, Volume 3. Temas e Debates, 1997.

SANTOS SIMÕES, J. M. dos, Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI. Introdução geral, FCG, Lisboa, 1990, 2ª edição, Vários autores, 1910–2010. O caminho de ferro em Portugal, CP/REFER, 2010.

FONTES

<http://www.monumentos.gov.pt>

<https://www.infraestruturasdeportugal.pt>

<https://www.ippatrimonio.pt>

<http://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt>

<http://www.iconclass.org>

<https://academiabelasartes.pt/wp-content/uploads/2020/02/Revista-Boletim-n.%C2%BA-32-a-34.pdf>

<https://www.ippatrimonio.pt/pdfs/flipbook/RotaJorgeColaco/index.html>

<https://www.ippatrimonio.pt/pdfs/flipbook/RotasdosAzulejosLinhadoMinho/index.html>

<https://www.ippatrimonio.pt/pdfs/flipbook/RotasdosAzulejosLinhadoNorte/index.html>

ARQUIVOS

Arquivo Técnico da IP
Arquivo Fotográfico da IP
Arquivo Histórico da CP
Arquivo da Fábrica Sant'Anna

X · AGRADECIMENTOS

Doutor Gonçalo Couceiro

Doutor Luis Leyva

Senhor Francisco Tomas / Fábrica Sant’Anna

Rotas dos Azulejos

ROTA **AUTORIA** **GILBERTO RENDA**

PROPRIEDADE

Infraestruturas de Portugal, SA



CONCEÇÃO E DESENHO GRÁFICO

Infraestruturas de Portugal, SA

CONTEÚDOS

IP Património
CP Comboios de Portugal

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Acervo Infraestruturas de Portugal
Acervo da Fábrica Sant'Anna
Bruno Cabrita
Gonçalo Couceiro
Pedro Almeida

COLABORAÇÃO

CP Comboios de Portugal

ROTAS DOS AZULEJOS

ROTA

Caminho ou percurso que implica uma viagem física ou virtual e que se destaca pelos seus atrativos por permitir o lazer, a aquisição de conhecimento, dando acesso a um património cultural e histórico de importância.

COMO ACEDER

A pé ou de bicicleta, de comboio, de carro. Pela Internet.



www.infraestruturasdeportugal.pt

